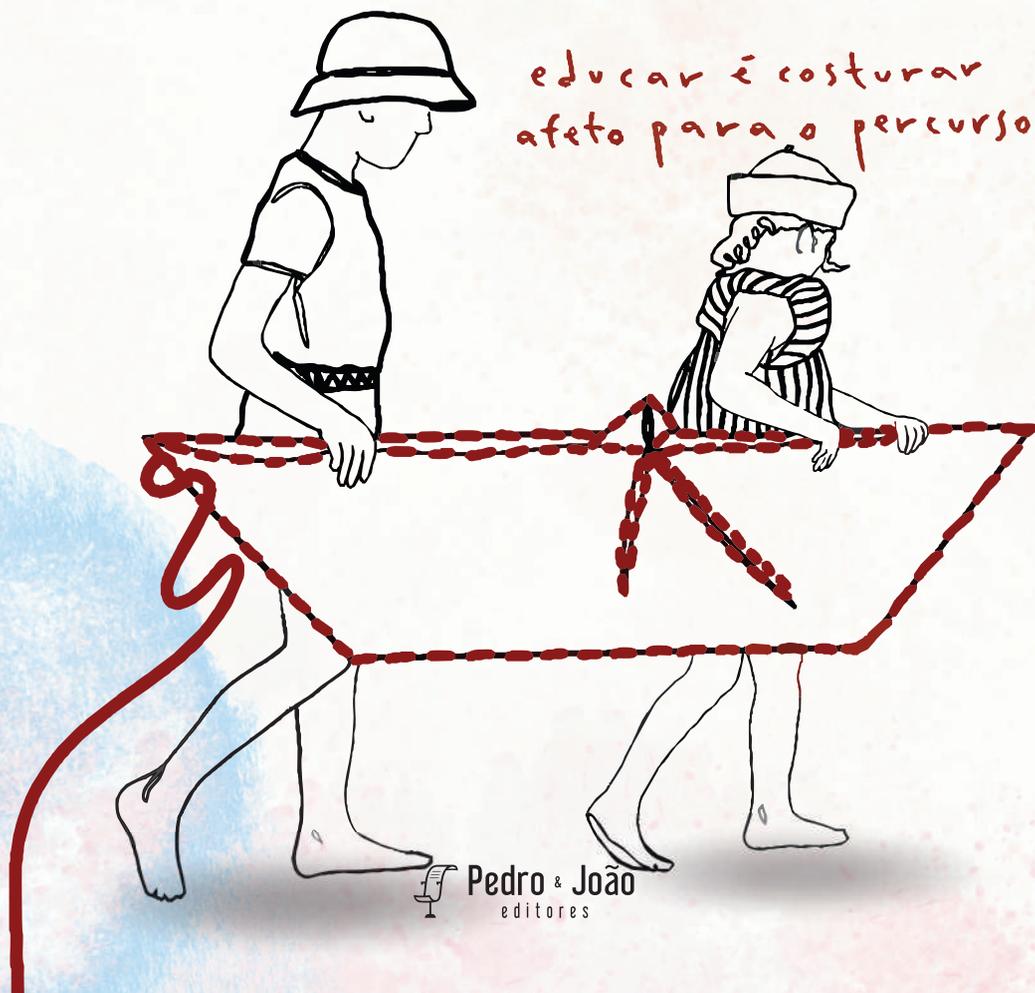


Letícia Lorenzoni Lasta
Suzane Beatriz Frantz Krug
Euna Nayara Cordeiro da Costa Fonseca
Edna Linhares Garcia
(Orgs.)

Saúde Mental e Educação Básica

reflexões sobre/com a Escola

educar é costurar
afeto para o percurso



**Saúde Mental e Educação
Básica:
reflexões sobre/com a
Escola**

Financiamento:

O presente trabalho foi realizado com apoio à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS)

Edital nº 14/2022 – ARD/ARC.



FAPERGS

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul

**Letícia Lorenzoni Lasta
Suzane Beatriz Frantz Krug
Euna Nayara Cordeiro da Costa Fonseca
Edna Linhares Garcia
(Organizadoras)**

**Saúde Mental e Educação
Básica:
reflexões sobre/com a
Escola**



Copyright © Autoras

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Letícia Lorenzoni Lasta; Suzane Beatriz Frantz Krug; Euna Nayara Cordeiro da Costa Fonseca; Edna Linhares Garcia [Orgs.]

Saúde Mental e Educação Básica: reflexões sobre/com a Escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 65p. 16 X 23 cm.

ISBN: 978-65-265-2154-0 [Impresso]

978-65-265-2155-7 [Digital]

1. Saúde mental infantil. 2. Educação básica. 3. Escola pública. 4. Cuidados com a saúde. I. Título.

CDD – 370/150

Desenhos e ilustrações: Isabella Delfim Alexandre

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Colaboradoras: Ana Beatriz Panzera (Bolsista de iniciação científica PROBIC/FAPERGS), Bruna Rubert da Cruz (PUIC/UNISC) e Jéssika Frantz (Profissional de saúde)

Revisora: Lourdes Kaminski

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/ Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

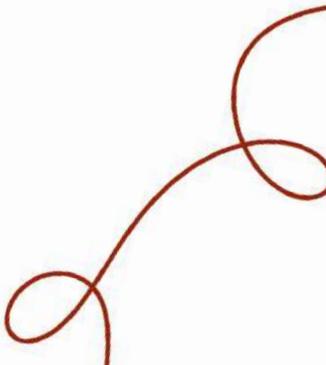


Pedro & João Editores

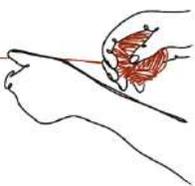
www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos/SP

2025



SUMÁRIO



Prefácio 9

Betina Hillesheim

Apresentação – O tecer coletivo deste e-book..... 11

Letícia Lorenzoni Lasta

Capítulo 1: Caminhos de um projeto: costurando gestos e impactos no tecido social 13

Letícia Lorenzoni Lasta

Suzane Beatriz Frantz Krug

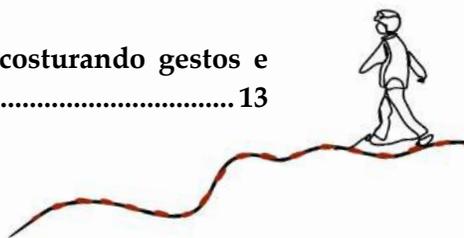
Edna Linhares Garcia

Euna Nayara Cordeiro da Costa Fonseca

Ana Beatriz Panzera, Jéssika Frantz

Isabella Delfim Alexandre

Bruna Rubert da Cruz



Capítulo 2: A escola como travessia e espaço de cuidado... 25

Letícia Lorenzoni Lasta

Suzane Beatriz Frantz Krug

Edna Linhares Garcia

Euna Nayara Cordeiro da Costa Fonseca

Ana Beatriz Panzera

Jéssika Frantz

Isabella Delfim Alexandre

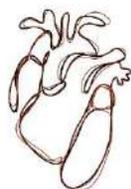
Capítulo 3: Quando a escola encontra a família: ecos, vínculos e reverberações 43

Ana Beatriz Panzera

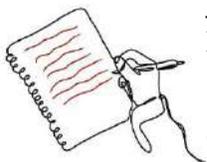
Letícia Lorenzoni Lasta

Suzane Beatriz Frantz Krug

Edna Linhares Garcia



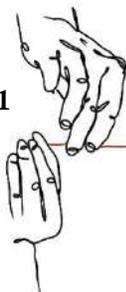
Euna Nayara Cordeiro da Costa Fonseca
Jéssika Frantz
Isabella Delfim Alexandre

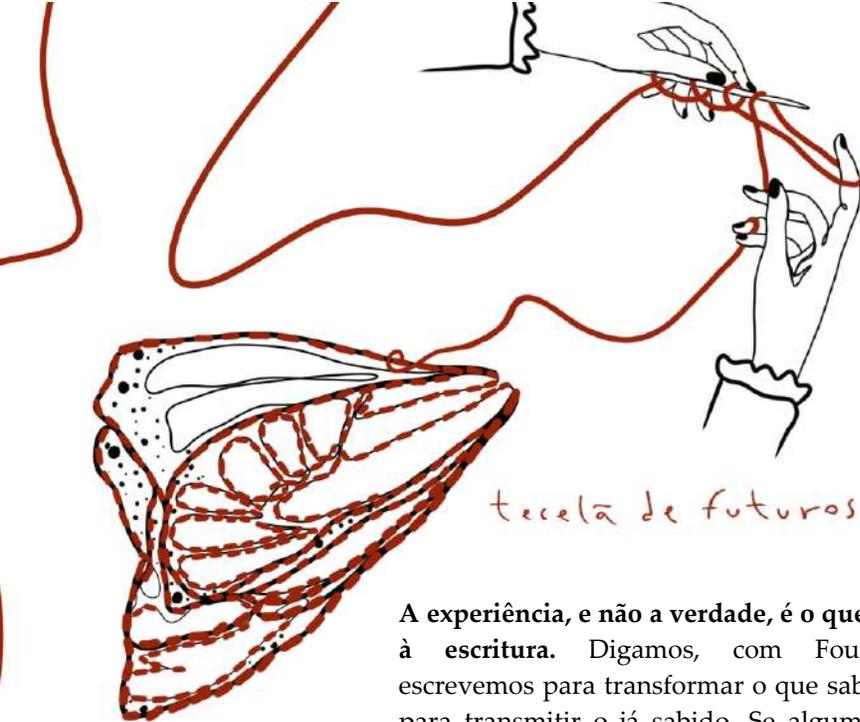


Capítulo 4: Palavras que ficam: notas abertas ao por vir ...53

Letícia Lorenzoni Lasta
Suzane Beatriz Frantz Krug
Edna Linhares Garcia
Euna Nayara Cordeiro da Costa Fonseca
Ana Beatriz Panzera
Jéssika Frantz
Isabella Delfim Alexandre
Bruna Rubert da Cruz

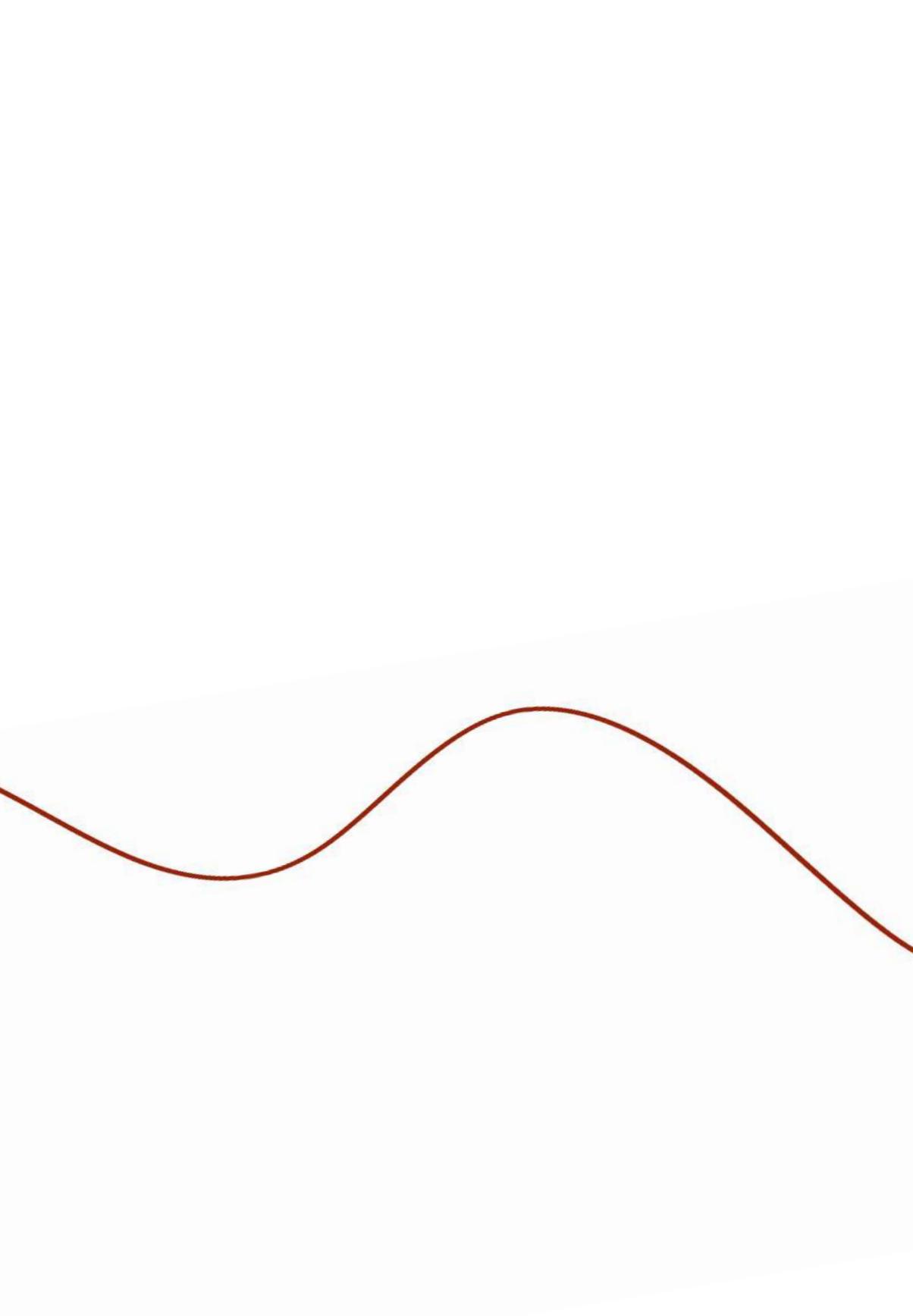
Tecelãs desta obra coletiva 61





A **experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escrita.** Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escrita, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo. **Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação.** Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo.

(LARROSA, J.; KOHAN, W. *Elogio do Estudo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023).



PREFÁCIO

Raquel é uma menina que tem três grandes vontades: ser gente grande, ter nascido menino e ser escritora. Porém, sua família não a entende, achando que são bobagens de menina e lhe causando sofrimento. Um dia, Raquel ganha uma grande bolsa amarela e decide que é o lugar perfeito para guardar suas vontades, longe do julgamento das outras pessoas. Além disso, a bolsa amarela é povoada por amigos inventados e aventuras. Neste percurso, Raquel traça outros modos de compreender o mundo e de existir, sendo que, passado um certo tempo, ela deixa ir embora sua vontade de ser menino e sua vontade de ser adulta. A única vontade que permanece é a de escrever, mas essa não pesa mais, pois a menina diz que agora ela escreve tudo que quer (Bojunga, 2003).¹

O livro *Saúde Mental e Educação Básica: reflexões sobre/com a Escola* compartilha resultados de uma pesquisa desenvolvida junto a professores/as e gestores/as da rede pública de ensino de Santa Cruz do Sul (RS) e Teresina (PI), na qual se interrogou as práticas e processos de cuidado relacionadas à saúde mental infantil no contexto escolar. Ao final da pesquisa, foram realizadas rodas de conversa mediadas por ilustrações, delicadamente construídas por Isabella Delfim Alexandre, a partir das falas das entrevistas.

Assim como a bolsa de Raquel guarda vontades que não cabem no mundo adulto, podemos pensar que a escuta nas rodas de conversa se constituiu como um espaço-bolsa. Desta maneira, o livro organizado por Letícia Lorenzoni Lasta, Suzane Beatriz Frantz Krug, Euna Nayara Cordeiro da Costa Fonseca e Edna Linhares Garcia opera como um gesto de abertura desta *bolsa*,

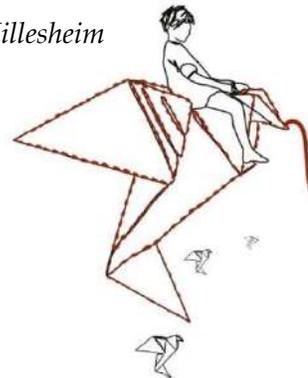
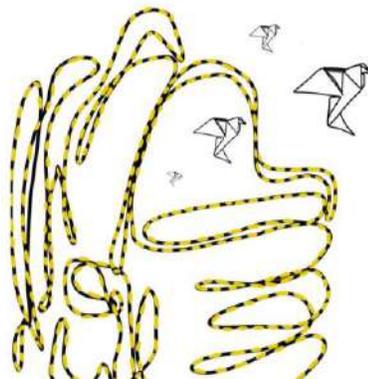
¹ BOJUNGA, L. *A bolsa amarela*. 33 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2003.

possibilitando que aquilo que, muitas vezes, é visto como impossível de ser dito (o cansaço, a solidão, os vínculos, os gestos de cuidado) encontre forma, imagem e palavra.

Trata-se, portanto, de um convite para abrir a bolsa, deixando que as vontades caibam no mundo, mediante a construção de um campo de fala, reinvenção e cuidado coletivo. Deste modo, as ilustrações que acompanham o texto também abrem um campo de possibilidades, como os pequenos bolsos que habitavam o interior da bolsa amarela, fazendo saltar outros sentidos para aquilo que parece já exaurido. Nesta perspectiva, as autoras, do mesmo modo que a menina Raquel, seguem com o desejo de escrever, entendendo que, a partir dele, é possível nomear o mundo com outras palavras, encontrando outros modos de pensar, dizer e, especialmente, criar práticas e processos de cuidado para a infância.

Fica aqui o convite: abram a bolsa devagar, cuidando para não emperrar o fecho, explorando os pequenos bolsos embutidos, escavando recantos escondidos. Deixem-se encantar, deem novos usos à bolsa, guardem também ali suas vontades e as transformem em outras coisas. Afinal, só assim poderemos nos livrar do peso que a vida, às vezes traz, esvaziando a bolsa amarela e tornando-nos, também, mais leves. Até porque, como descobriu Raquel, é muito bom ter amigos ou, como no caso da pesquisa trazida aqui, pessoas para dividir nossas cargas e criar formas de estar juntos.

Betina Hillesheim



APRESENTAÇÃO

O tecer coletivo deste e-book

Esta obra caracteriza-se como um produto técnico oriundo do projeto de pesquisa/intervenção intitulado *“Cuidados com a saúde mental infantil em escolas da rede municipal”*². O projeto tem como objetivo central analisar as práticas e processos de cuidado com a saúde mental infantil em escolas da rede municipal de Santa Cruz do Sul-RS e Teresina-PI, e propor ações coletivas de intervenção. Para a organização deste livro, apostamos nos vínculos estabelecidos com as instituições parceiras, tanto no Rio Grande do Sul quanto no Piauí, durante todo o percurso do estudo, convidando-as a compor conosco a produção deste livro, o qual abarca algumas das narrativas circulantes no âmbito da Educação Básica sobre a temática dos cuidados com a saúde mental infantil que, acompanhadas dos desenhos produzidos pela artista Isabella Delfim Alexandre, marcam esta obra como um recurso potente no que se refere às perspectivas de professores e gestores sobre a temática, assim como, um material que pode vir a contribuir com reflexões menos patologizantes e estigmatizantes, reconhecendo a escola e a família como instituições sociais com funções importantes em relação à promoção da saúde mental e a prevenção do adoecimento psíquico.

Assim, as tessituras deste livro são compostas por alguns textos, também por desenhos e narrativas, situadas e localizadas na travessia do projeto, entre os anos de 2023-2025. Para tanto, se fez necessário o reconhecimento de que, “arte e vida estão

²Agradecemos o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), que por meio do Edital nº 14/2022 – Auxílio Recém-Doutor/Auxílio Recém-Contratado (ARD/ARC) possibilitou a pesquisa e a publicação deste livro.

conectadas de uma forma que não é possível separar” (Zanella, 2024, p. 39). Toda arte é uma polifonia de vozes sociais que se caracteriza e se produz necessariamente no diálogo com as condições do presente, as experiências e conquistas do passado e uma memória de futuro em relação ao que se projeta para o próprio mundo e as relações que o constituem (Zanella, 2024).

Portanto, os capítulos apresentados dialogam com uma escrita para além de um relato, “a narrativa da relação de quem escreve/pesquisa com a situação investigada que possibilita a sua reinvenção, intempestiva e insistentemente” (Zanella, 2012, p. 89-90). A partir dos eixos que estruturam o Ebook, espera-se que esta leitura possa enquanto experiência ser “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (Larrosa, 2002, p. 21). Desejamos a todas(os) leitoras(es) que tiverem a experiência da interlocução leitora conosco, a partir destes capítulos, sejam tocadas(os), afetadas(os) pelos sentimentos e pelas experiências que nos moveram na escrita, pois é a partir dessa afecção que apresentamos esta obra.

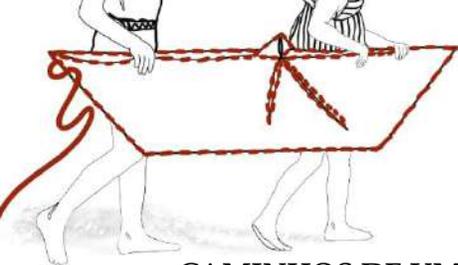
Letícia Lorenzoni Lasta

Referências

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, nº 19, p.19-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDx C/?format=pdf&lang=pt/>.

ZANELLA, A. V. Escrever. In: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L. do; MARASCHIN, C. (org.). *Pesquisar na diferença. Um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 87-91.

ZANELLA, A. V. *Pesquisa, Arte e vida: encontros, questões, inquietações*. 1º ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024b.



CAPÍTULO 1

CAMINHOS DE UM PROJETO: COSTURANDO GESTOS E IMPACTOS NO TECIDO SOCIAL

Letícia Lorenzoni Lasta
Suzane Beatriz Frantz Krug
Edna Linhares Garcia
Euna Nayara Cordeiro da Costa Fonseca
Ana Beatriz Panzera
Jéssika Frantz
Isabella Delfim Alexandre
Bruna Rubert da Cruz

A saúde mental infantil envolve aspectos emocionais, sociais, comportamentais, assim como os ambientes onde a criança está inserida. A escola além de ser um centro de produção de conhecimento é o local onde as crianças permanecem grande parte do seu tempo, sendo um espaço propício para se trabalhar a educação em saúde mental. Ela tem um papel importante na promoção da saúde, do bem-estar e no desenvolvimento integral de crianças e adolescentes.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde mental como “um estado de bem estar no qual o indivíduo percebe as suas capacidades, pode lidar com o stress normal da vida, pode trabalhar de forma produtiva e frutífera e é capaz de contribuir positivamente para sua comunidade” (OMS, 2001, p. 1). Sendo assim, saúde mental enquanto conceito abarca desde o estado de bem-estar singular, nos quais desenvolvemos habilidades pessoais para enfrentar os desafios da vida até as formas coletivas de produção das existências. Portanto, é fundamental entender saúde e doença como um efeito da interação complexa de múltiplos fatores.

Os movimentos sociais em prol da saúde mental foram oriundos da Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na década de 90, mas que por si só não alteram a realidade, no entanto, podem ser considerados indutores de práticas eticamente sustentáveis. No que tange à saúde mental infantil, tem-se percebido a importância de se discutir sobre a questão, tendo em vista a crescente busca de atendimento nos serviços especializados para tal público. “No Brasil, é cada vez mais expressiva a demanda por cuidados em saúde mental infantojuvenil, apesar de ser um campo ainda dotado de pouca visibilidade” (Bustamente; Oliveira, 2018, p. 727).

Aguiar e colaboradores (2018) pontuam que o encaminhamento de crianças e adolescentes, através da escola e conduzidos pelos familiares aos serviços especializados com queixas relacionadas à saúde mental, tem se tornado comum atualmente. É importante assinalar que, essas crianças geralmente chegam a esses serviços, devido a observações relacionadas a comportamentos, considerados “fora do padrão” que são percebidos no ambiente escolar, o qual tem papel fundamental no desenvolvimento saudável da criança.

Nos últimos anos, a vida escolar está se iniciando cada vez mais cedo e o tempo de permanência nas instituições tem crescido consideravelmente, variando entre quatro e oito horas diárias, tanto em escolas de educação infantil, como de ensino fundamental. É considerada educação infantil em tempo parcial, a jornada de, no mínimo, quatro horas diárias e, em tempo integral, a jornada com duração igual ou superior a sete horas diárias, compreendendo o tempo total que a criança permanece na instituição (Brasil, 2009).

Desta forma, o ambiente escolar torna-se um espaço propício para se trabalhar a educação em saúde mental, pois além de ser um centro de produção de conhecimento é o local onde crianças e adolescentes passam uma parte considerável de seu dia (Estanislau; Bressan, 2014). O papel da escola na atualidade



perpassa não só a transmissão de conhecimentos, mas também tem função importante no desenvolvimento integral de crianças e adolescentes e na promoção do bem-estar (Guzzo, 2016).

A saúde mental infantil é extremamente importante para o desenvolvimento do indivíduo, tendo em vista que é nessa fase que o cérebro realizará aquisições que servirão como base para o desenvolvimento nos próximos anos. Os problemas de saúde mental interferem na qualidade das experiências precoces e, portanto, no desenvolvimento das potencialidades das crianças (Santos; Celeri, 2018). A compreensão do desenvolvimento infantil possibilita a estimulação do crescimento, identificação de fatores de risco, distinção entre comportamentos considerados adequados/inadequados e identificação mais assertiva de uma criança com funcionamento dentro do esperado ou que necessite de um olhar mais cuidadoso (Jacowski, *et al.*, 2014). E, sendo a escola um espaço onde o público infantil está em interação permanente com seus pares, percebe-se a importância dos profissionais que trabalham nesse ambiente como aliados nos cuidados com esses pequenos cidadãos.

Movidos pelas circunstâncias descritas, na pesquisa *“Cuidados com a saúde mental infantil em escolas de rede municipal”*³ tem-se como situação problema as condições de atenção aos escolares, na qual questiona-se: *Como são desenvolvidas as práticas e processos de cuidados relacionados com a saúde mental infantil no contexto escolar?* O interesse a respeito dos cuidados com a saúde mental infantil no contexto escolar, surgiu da realidade vivenciada pelas pesquisadoras, enquanto professoras e psicólogas em escolas da rede pública e privada de ensino e integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde (GEPS) e do Grupo de Estudos Políticas Públicas, Inclusão e Produção de Sujeitos ambos da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC),

³ Projeto de pesquisa/intervenção desenvolvido entre os anos de 2023-2025, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), por meio do Edital nº 14/2022 – Auxílio Recém-Doutor/Auxílio Recém-Contratado (ARD/ARC).

atentando para as dificuldades de alguns profissionais em perceberem, compreenderem e executarem ações voltadas para o bem estar psíquico desse público.

Algumas vezes, a escola tende a patologizar o aluno quando este não consegue se adequar às regras do ambiente ou por não alcançar um ritmo considerado adequado no processo de escolarização. O cotidiano de muitas escolas está hoje atravessado por um mal estar intenso em decorrência de diagnósticos que se multiplicam e que atestam o início desta patologização, além de uma série de medicações, consideradas indispensáveis à vida para alguns alunos.

Diante das condições expostas, atribui-se como necessário, um estudo consistente para conhecer como estão sendo desenvolvidos os cuidados relacionados com a saúde mental infantil nas escolas da rede pública municipal de Santa Cruz do Sul - RS e Teresina - PI. Para tanto, nesta investigação busca-se informações dos gestores das escolas e professores, incluída a formação e qualificação dos mesmos, mas com um olhar ampliado para as diversas dimensões, tais como os locais das práticas, as estratégias de promoção da saúde infantil, as relações interpessoais entre a gestão, os docentes, os alunos e as famílias. Estas são questões que podem aproximar ou distanciar a realidade dos contextos vividos nos ambientes escolares no que se refere às práticas de cuidado na Educação Básica das duas regiões envolvidas neste estudo.

A pandemia e sua imposição de mudanças de hábitos e adaptações exige que se possa pensar em práticas inovadoras no que tange os diferentes espaços de sociabilidade, incluídas as escolas. Tal trabalho é imprescindível tanto do ponto de vista teórico, produzindo assim um conhecimento contextualizado da realidade gaúcha e nordestina/teresinense, e também de grande relevância social, contribuindo para reflexão a respeito dos cuidados com a saúde mental infantil nas escolas e nestes contextos regionais.

Para dar conta da problemática levantada por este estudo, a produção de dados se organizou a partir de três etapas: 1ª etapa) Investigação em escolas do município de Santa Cruz do Sul-RS; 2ª etapa) Investigação em escolas do município de Teresina-Piauí; 3ª etapa) Atividades de Intervenção e apresentação de produção técnica. Na 1ª e 2ª etapa foram realizadas entrevistas semiestruturadas na modalidade individual com professores e gestores da educação, cujas questões abertas foram ao encontro dos objetivos da pesquisa. Na 3ª etapa foram realizadas atividades de intervenção a partir de rodas de conversa e oficinas pedagógicas junto às escolas participantes. A partir do conjunto de dados da 1ª, 2ª e 3ª etapa, no decorrer dos dois anos da pesquisa, buscou-se discutir sobre a compreensão dos profissionais e gestores da Educação Básica acerca da saúde mental e sua importância no ambiente escolar, bem como, reconhecer e analisar as práticas de processos de cuidado com a saúde mental infantil nas escolas estudadas e propor ações coletivas de intervenção.

Da 1ª e a 2ª etapa totalizaram uma amostra de 30 profissionais, seguindo os critérios de inclusão. As entrevistas individuais semiestruturadas foram realizadas nas dependências da própria escola e o agendamento se deu através de contato prévio dos bolsistas do projeto com as Instituições Escolares, no caso das escolas de Santa Cruz do Sul e, no caso das escolas de Teresina/PI, do contato da pesquisadora Euna Nayara Cordeiro da Costa. Os dados produzidos foram gravados através de áudios, perante o consentimento dos sujeitos e as entrevistas tiveram a duração de em torno de 30 minutos. Também, foram elaborados diários de campo das mesmas, para registrar os dados em sua completude, informando o local da produção dos dados, data da coleta, pesquisadores envolvidos, quantidade de sujeitos que concederam a entrevista e possíveis percalços ocorridos durante estas etapas.

Posteriormente à produção dos dados, ocorreu a digitação de dados da pesquisa, sendo que as entrevistas

realizadas foram transcritas em formato *Microsoft Office Word*. Os dados de identificação dos sujeitos foram distribuídos em um quadro, com a seguinte nomenclatura P (professor), D (diretor). Ainda, realizou-se a discussão e reflexão dos resultados obtidos por meio das entrevistas, sendo que as falas foram discutidas pelos pesquisadores em reuniões e após, as reflexões transcritas em um segundo documento.

Através da proposta da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, foram construídos quatro eixos temáticos para nortear a análise e discussão das entrevistas, a saber: a) A escola enquanto promotora de saúde mental infantil; b) Formação de Professores para promoção da saúde mental; c) Inclusão Escolar; d) Família como agente promotor de saúde mental. Os interlocutores da pesquisa (gestores da educação e professores da Educação Básica) demonstram um conhecimento construído ao longo das suas experiências enquanto gestores e professores e, com leituras sobre a temática em estudo, o que aponta a importância de promover ações com foco nos profissionais da educação, para que possam incorporar em suas práticas pedagógicas, estratégias mais assertivas quanto à saúde mental em ambiente escolar, possibilitando a este espaço, o desenvolvimento integral.

Acredita-se que estudos como este possam contribuir para o planejamento de ações direcionadas ao tema da saúde mental nas escolas e consigam envolver sistemas maiores como políticas públicas de saúde, educação e assistência social. Em relação aos dados produzidos, tanto de Santa Cruz do Sul/RS quanto de Teresina/PI, é possível reconhecer através das falas dos interlocutores/interlocutoras do estudo, que os profissionais da educação, no contexto das escolas estudadas, compreendem a importância da saúde mental no desenvolvimento infantil, no entanto, afirmam a necessidade de um conhecimento mais aprofundado, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, em que se possa pensar a escola como um território no qual, ações e estratégias voltadas à promoção da saúde mental e a prevenção

do adoecimento psíquico possam ser implementadas de forma abrangente. Tal desconhecimento de acordo com os sujeitos da pesquisa acaba por limitar a atuação das educadoras, priorizando o desenvolvimento de habilidades escolares nas crianças em relação às habilidades socioemocionais.

Outro aspecto importante, recorrente nas entrevistas são os fatores que podem promover saúde mental, bem como fatores que dificultam esses cuidados na escola, demonstrando um conhecimento adquirido ao longo da prática profissional e impulsionadas com as experiências que vivenciaram com a pandemia da Covid-19, e leituras ocasionadas por tais situações. O que foi observado, é a ausência de estudos direcionados, para obtenção de qualificação sobre a saúde mental infantil, o que possibilitaria a identificação precoce de fatores de adoecimento mental infantil e a possibilidade de intervenções assertivas no ambiente educacional.

Todavia, apesar desta ausência de estudos direcionados a estas questões, afirmam que procuram atuar em prol de ações de promoção à saúde mental no seu cotidiano, nos diversos momentos experienciados pela criança na escola (acolhida inicial, sala de aula, recreio, atividades comemorativas e coletivas, dentre outras), sendo observado a ausência de sistematização dessas atividades, clareza nos objetivos e a avaliação dos resultados dessas ações, demonstrando certa desarticulação destas. No que se refere aos cuidados com os atendimentos das crianças com dificuldades de aprendizagem, foi constatado que as escolas demonstram grande preocupação com esse público e procuram promover ações direcionadas para o desenvolvimento acadêmico desses estudantes, mas ao tempo disso, sinalizam as dificuldades em relação à inclusão escolar do estudante com deficiência ou em sofrimento psíquico. A partir da sistematização e da análise das entrevistas, foram organizadas, em diálogo com as escolas, as propostas das atividades de intervenção, as quais constituem a 3ª etapa da proposta deste estudo.

Através da produção dos dados da 1ª e da 2ª etapa, deu-se início à 3ª etapa prevista das atividades de intervenção. Esta etapa foi elaborada e realizada de forma colaborativa, contando com pesquisadores, professores e gestores, de acordo com as necessidades percebidas durante as entrevistas. A organização das atividades de intervenção refere-se à realização de três rodas de conversa com temáticas desenhadas, as quais foram previamente agendadas com cada escola, em dia e horário conveniente à participação do grupo: a primeira refere-se a uma roda de conversa para socialização e apresentação dos resultados da pesquisa obtidos através das entrevistas; a segunda roda de conversa, abordando a temática “a escola como promotora de saúde mental” e a terceira roda de conversa sobre “formação de professores para a promoção da saúde mental”. Em termos da dinâmica adotada, foi seguido o seguinte roteiro: Boas-vindas, apresentação do tema, explanação e troca de experiências entre os participantes, apreciação da temática e encerramento.

Ao concluir as três rodas de conversa, a continuidade das atividades de intervenção se deu através da realização de duas oficinas temáticas, nas quais os temas propostos são: “a inclusão escolar” e “a família como agente promotor de saúde mental”. Cabe mencionar que as temáticas elencadas, tanto para as rodas de conversa quanto para as oficinas, dialogam com a sistematização e análise dos dados oriundos da pesquisa de campo. Estas oficinas foram realizadas em dia e horário previamente definido com as escolas. Cada oficina foi pensada a partir do passo a passo: Boas-vindas, apresentação do tema e do objetivo da oficina, diagnóstico prévio do conhecimento dos participantes, diálogo mediado pelas professoras pesquisadoras e bolsistas de Iniciação Científica vinculados ao projeto, avaliação da oficina e encerramento.

Em relação às rodas de conversa e oficinas desenvolvidas nas escolas de Santa Cruz do Sul/RS, observou-se que o número total de participantes oscilou de uma escola para outra, cerca de 05 a 10 participantes. Tal oscilação se deu pelo fato de as

atividades de intervenção acontecerem durante o horário de trabalho dos profissionais e gestores da educação, conforme havia sido definido pelos gestores, e alguns profissionais, devido às demandas circulantes na Instituição de Ensino não conseguirem se ausentar naquele momento de suas funções para participar.

Em relação às escolas envolvidas no estudo de Teresina/PI, conforme acordado com a Secretaria de Educação, foi organizado um calendário junto a pesquisadora, no qual foi possível a participação das equipes escolares envolvidas no estudo da 3ª etapa, no Centro Municipal de Educação, garantindo uma maior abrangência das equipes escolares impactadas pelo processo de intervenção, uma vez que haviam sido autorizadas a participar em horário de trabalho, portanto, não tiveram a necessidade de gerenciar sua participação com as atividades de trabalho como ocorreu no município do Sul do país. Em relação ao número de participantes desta 3ª etapa, em Teresina/PI, o número variou entre 10 e 15 participantes.

Como resultados efetivos do projeto destaca-se a produção de insumos e materiais técnicos em parcerias com as seis escolas participantes do estudo, visando transformações no modo como os profissionais e gestores reconhecem a saúde mental e sua importância na escola. Em relação ao primeiro ano do projeto destaca-se como resultados e ações da pesquisa, os seguintes produtos técnicos: folder intitulado “Saúde Mental na Escola” que aborda a importância da escola como um espaço acolhedor e inclusivo; protótipo do “Baralho de mitos e verdades sobre os cuidados com a saúde mental infantil nas escolas”, PodCast “Sentidos de pensar a saúde mental na escola”, evento organizado, intitulado “Ciclo de Palestras: diálogos interdisciplinares sobre Saúde mental e escola”.

No segundo ano de projeto, deu-se a continuidade às ações em termos da aplicabilidade, validação e reconhecimento por parte da comunidade escolar do protótipo do “Baralho de mitos e verdades sobre os cuidados com a saúde mental infantil

nas escolas”, o qual em sua versão finalizada foi nomeado como “Fato ou *fake* sobre os cuidados com a saúde mental infantil nas escolas”, cuja finalidade é sensibilizar para o debate sobre o tema, refletindo sobre as implicações da família e da escola.

Além disso, destaca-se também a participação e apresentação de trabalhos em eventos científicos de abrangência regional, nacional e internacional, seja na exposição oral de resumos, pôsteres, painéis, os quais viabilizaram a ampla socialização da análise dos resultados e a construção de diálogos com pesquisadores/pesquisadoras e profissionais vinculados a outras instituições. Neste contexto, cabe mencionar a contribuição do projeto para com a formação de futuros pesquisadores, tendo em vista que grande parte dos trabalhos apresentados foram realizados por bolsistas de Iniciação Científica envolvidos nas etapas da pesquisa/intervenção e vinculados ao projeto.

Por fim, os textos foram recolhidos para a organização do livro intitulado *Saúde Mental e Educação Básica: reflexões sobre/com a Escola*, tendo por objetivos, a difusão do conhecimento construído nos diálogos e as interlocuções com/nas instituições escolares. Este e-book foi construído com a participação das escolas parceiras no estudo, no qual as narrativas que compõem os capítulos, a seguir, foram sendo produzidas em processo, durante os encontros com as/os interlocutoras/interlocutores da pesquisa, incluindo-se os desenhos que apareceram ao longo da escrita. Assim, enfatizamos a reflexão e a construção coletiva diante dos tensionamentos que compõem este material, sem distinções que colem as falas aos sujeitos. Compreendemos a obra como um convite para pensarmos a produção circulante sobre saúde mental infantil na Educação Básica.

Referências

AGUIAR, B. M. *et al.* Similaridades e Diferenças de Crianças/Cuidadores Atendidos em Serviço-Escola de Psicologia

e Psiquiatria. *Psico-USF online*, v. 23, n. 1, p.109-125, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230110>.

BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009*. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC, 2009. Disponível em: http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf.

BUSTAMANTE, V.; OLIVEIRA, R. S. O brincar de crianças e suas famílias como alternativa de cuidado à saúde mental infantil. *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 726-743, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n3p726-743>.

ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. (org.). *Saúde Mental na Escola: o que os educadores devem saber*. São Paulo: Artmed, 2014.

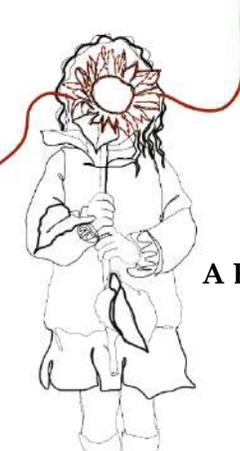
GUZZO, R. S. L. Risco e proteção: análise crítica de indicadores para uma intervenção preventiva na escola. In: VIANA, M. N.; FRANCISCHINI, R. (org.). *Psicologia escolar: que fazer é esse?* Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016, p. 9–26.

JACOWSKI, A. P.; LAUREANO, M. R.; ESTANISLAU, G.M.; MOURA, L. M. de.

Desenvolvimento normal no período escolar. In: ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. (org.). *Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber*. São Paulo: Artmed, 2014, p. 81-100.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Relatório Sobre a Saúde no Mundo. Saúde mental: nova concepção, nova esperança*. Geneva: OMS, 2001.

SANTOS, R. G. H.; CELERI, E. H. R. V. Rastreamento de problemas de saúde mental em crianças pré-escolares no contexto da atenção básica à saúde. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 36, n. 1, p. 82-90, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/;2018;36;1;00009>.



CAPÍTULO 2

A ESCOLA COMO TRAVESSIA E ESPAÇO DE CUIDADO

Letícia Lorenzoni Lasta
Suzane Beatriz Frantz Krug

Edna Linhares Garcia

Euna Nayara Cordeiro da Costa Fonseca

Ana Beatriz Panzera

Jéssika Frantz

Isabella Delfim Alexandre

Um começo...

Este capítulo, assim como os capítulos que o sucedem, reúne reflexões a partir de referenciais bibliográficos articulados ao campo temático que, no encontro com as narrativas produzidas por professores e gestores da rede pública de ensino, a partir de vivências e reflexões construídas no âmbito do projeto de pesquisa, vão dando contorno à discussão. As falas registradas durante oficinas e rodas de conversa emergem como fragmentos significativos do cotidiano escolar, marcados por tensões, afetos e potências envolvendo cuidados em saúde mental infantil no espaço escolar.

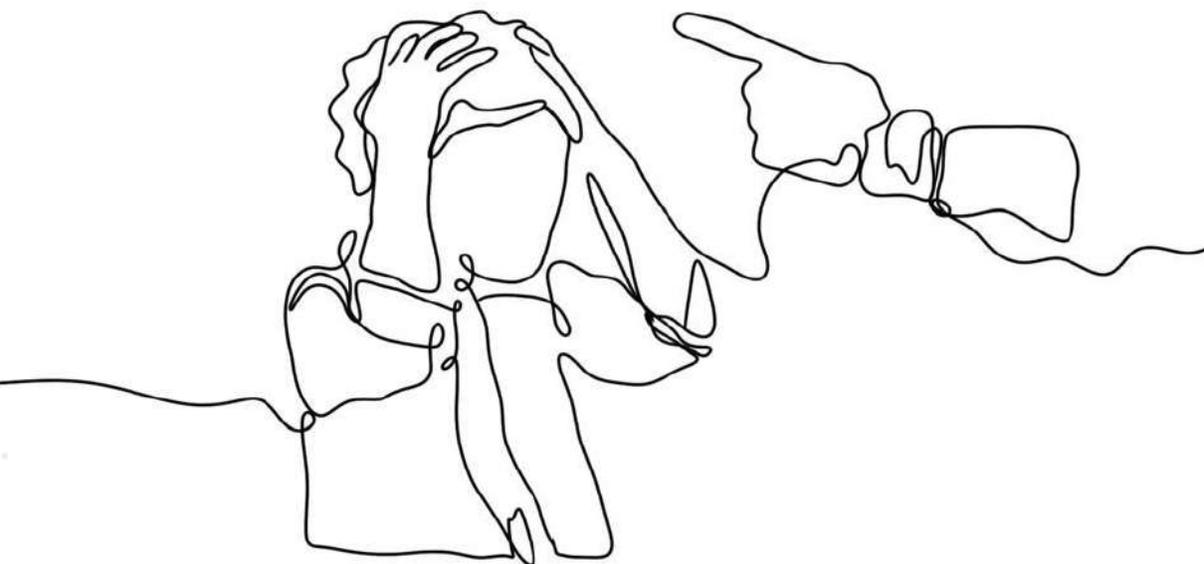
Os desenhos que acompanham cada narrativa foram elaborados a partir de uma escuta sensível dessas experiências. Mais do que representar literalmente as falas, os desenhos propõem deslocamentos poéticos e simbólicos que buscam ampliar a compreensão do vivido e provocar outras leituras. A seleção dos desenhos e narrativas aqui apresentadas não têm a pretensão de esgotar os sentidos do que foi compartilhado, mas sim, de evidenciar aspectos relevantes do cuidado em saúde mental na escola — como o acolhimento, a escuta, a ludicidade, a

importância das relações e a valorização da singularidade de cada criança.

Ao propor esse encontro entre palavra e desenho, o capítulo objetiva evidenciar as práticas e processos de cuidado com a saúde mental infantil em escolas da rede municipal, de modo a contribuir para o fortalecimento de práticas educativas comprometidas com o bem-estar subjetivo de educadoras e crianças, reconhecendo a escola como território de cuidado, de produção de vida e de saúde. A seguir, apresentam-se os desenhos e narrativas, sem a pretensão de que tais ilustrações tenham um fim em si mesmas, mas que possam potencializar e produzir outros olhares sobre os cuidados com a saúde mental infantil, olhares para além do encaminhamento a serviços individuais clínico-terapêuticos.



"Angústia, querer fazer e ter dificuldade. Pensar muito,
várias coisas ao mesmo tempo e não conseguir
descansar, mesmo quando dorme.
O cérebro não para.



"Falta de acolhimento tanto do aluno, como dos professores.
Tentar entender o outro. Orientar e não punir.
Ter um olhar diferente."

"A criança é um ser em constante movimento/desenvolvimento, que envolve habilidades motoras, cognitivas e psicológicas. Estes movimentos impactam diretamente na aprendizagem como "todo". Cada vez mais as crianças trazem a necessidade de serem compreendidas em suas questões emocionais, pela carência de atenção onde a família deixa a desejar.

Percebe-se diretamente onde a família se faz presente, o ensino acontece com mais resultados. Através das atividades praticadas nos Anos Iniciais refletem na escrita, atenção...

Ou seja, quando os movimentos estão descompassados, o movimento da aprendizagem também apresenta dificuldades."



“[...] a rotina cansativa de muitas crianças, que tem o dia repleto de atividades que não são somente escolares, mas inúmeras, ou seja a criança tem um dia cheio de afazeres, e muitas vezes falta um contato com a família, um momento mais leve de troca de experiências, relato de acontecimentos, afeto... O dia da criança é reduzido em atividades.”

“Entre lápis e cadernos, uma infância se perde nos compromissos. Onde ficaram as brincadeiras, os sonhos saltos e o tempo de ser criança!”



"[...]idade de cumplicidade, amizade, afeto, apego, parceria, cordialidade, acolhimento pois talvez são indivíduos que não se conhecem, mas notamos que a cordialidade se faz presente."

Para algumas reflexões!

A Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou em 2022, sua maior revisão mundial sobre saúde mental desde a virada do século. Os dados são alarmantes e revelam que, em 2019, quase um bilhão de pessoas viviam com algum transtorno mental, sendo a principal causa de incapacidade. Diante disso alerta-se que as desigualdades sociais e econômicas, emergências de saúde pública, guerra e crises climáticas estão entre as ameaças estruturais globais à saúde mental. A depressão e a ansiedade aumentaram mais de 25% apenas no primeiro ano da pandemia (OMS, 2022).

Com esta revisão mundial sobre saúde mental a OMS convoca todos os países a acelerar a implementação dos Plano de Ação Integral de Saúde Mental, agenda 2013-2030, assim como, aponta diversas recomendações, as quais encontram-se agrupadas em três caminhos para a transformação, sendo elas: 1) Aprofundar o valor e o compromisso que damos à saúde mental; 2) Reorganizar os entornos que influenciam na saúde mental, incluindo lares, comunidades, escolas, locais de trabalho, serviços de saúde etc.; 3) Reforçar a atenção à saúde mental mudando os lugares, modalidades e pessoas que oferecem e recebem os serviços (OMS, 2022).

No Brasil, a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares, instituída pela Lei nº 14.819/2024, da qual destaca-se a garantia à comunidade escolar - professores, funcionários, estudantes e familiares - cuidados em saúde mental, deve-se dar-se em articulação com o Programa Saúde na Escola (PSE), o modelo de Assistência em Saúde Mental, o Sistema Único de Assistência Social e a Rede de Atenção Psicossocial. Sua governança ficará a cargo dos Grupos de Trabalho Intersetoriais do PSE, os quais estão previstos em lei como responsáveis pelo desenvolvimento das ações nos territórios, com a participação obrigatória de representantes da área da saúde e da comunidade escolar.

A partir disso, a escola emerge como um espaço onde as necessidades de atenção à saúde mental ficam evidentes. Afinal, a escola enquanto espaço socializador e de desenvolvimento humano, desempenha um papel importante na promoção da saúde mental infanto-juvenil, podendo vir a ofertar um ambiente seguro e estruturado para auxiliar as crianças e adolescentes a desenvolverem habilidades sociais, emocionais e comportamentais. “[...] a escola é um dos principais contextos de vida de crianças e adolescentes na atualidade, possuindo, assim, um caráter psicossocial relevante que deve ser assumido e explorado” (Cid, *et al.*, 2019, p.4).

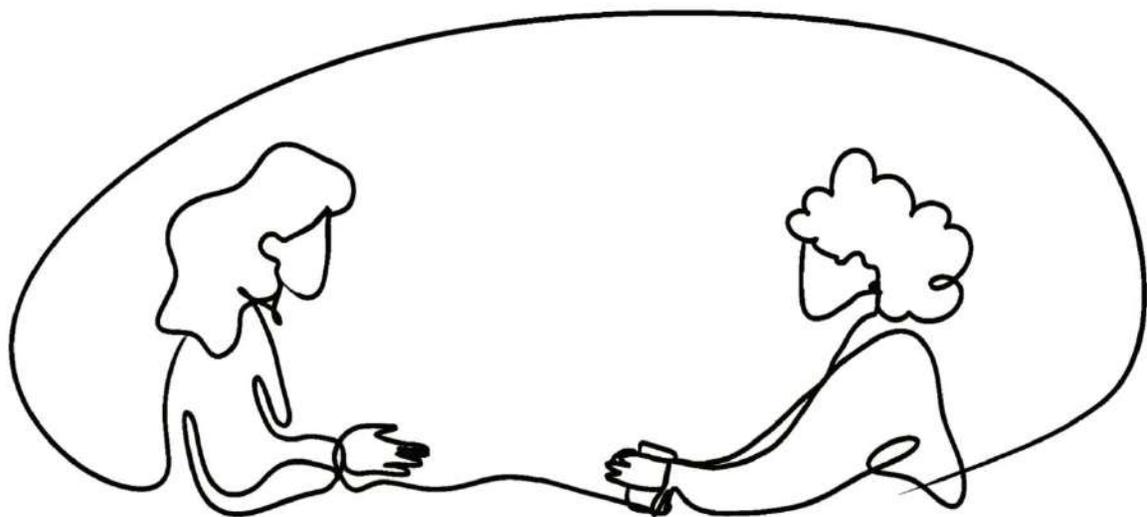
Neste contexto de novos compromissos com a atenção à saúde mental, em que a mesma passa a ser compreendida como um fenômeno complexo e multidimensional, envolvendo, dentre outros, aspectos emocionais, comportamentais e sociais, que produzem um elenco de habilidades capazes de tornar a criança e o adolescente competentes para estarem no mundo e pertencerem a ele, considerando o contexto de vida dessas pessoas (Amstalden; Hoffmann; Monteiro, 2010).

Diante disso, refletimos: *como produzir práticas e processos de cuidado com a saúde mental infantil na escola?* Fernandes *et al.* (2019, p. 455) esclarecem que “o contexto escolar é uma das possibilidades de intervenção, de forma que o profissional atue como facilitador no que diz respeito ao desenvolvimento de ações de prevenção e promoção da saúde mental.” Dentro disso, Marturano, Linhares e Loureiro (2004), ao discutirem sobre estratégias e práticas de cuidado em saúde mental destacam a importância da figura do professor para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, dado que ele pode fornecer importante fonte de suporte social, pois os acolhem, apoiam, direcionam e participam de seu processo de desenvolvimento, formação e educação. As reflexões trazidas até aqui dialogam com algumas das narrativas, que no encontro com os desenhos ecoam nas escolas estudadas.



"A construção do desenvolvimento dos estudantes, tanto no aspecto ensino-aprendizagem, como no emocional, sendo construído de forma planejada, por etapas, peça por peça, tendo o cuidado para não perder e faltar alguma etapa (peça) importante."

"[...] representar um processo de construção da aprendizagem na visão docente, percebemos que nem todas as peças possuem encaixe perfeito. Assim como, constatamos que há tempos diferentes e metodologias variadas para montar a imagem ou o objeto de conhecimento. O grau/nível de envolvimento com o objetivo também parece diferenciado. Na visão docente, entende-se que há níveis diferentes de dificuldade para consolidar o objetivo. Um indivíduo com base reforçada, outro intermediário e já avançada. E ainda, um indivíduo que aparentemente está isolado perdido em meio ao contexto. Resumindo: cada um aprende no seu tempo e do seu jeito."



“[...] aparecem dois indivíduos que demonstram continuidade, harmonia, trabalho em equipe. Percebe-se que há compreensão, troca de ideias, autoconhecimento e ajuda mútua. De certa forma, esta imagem parece ser o resultado final da figura anterior, quando as peças todas se encaixaram.”

“O acolhimento, tanto de professor para aluno, professor com professor e entre as crianças. Como é importante ter apoio, um monte de ajuda. Ajudar e receber ajuda!”

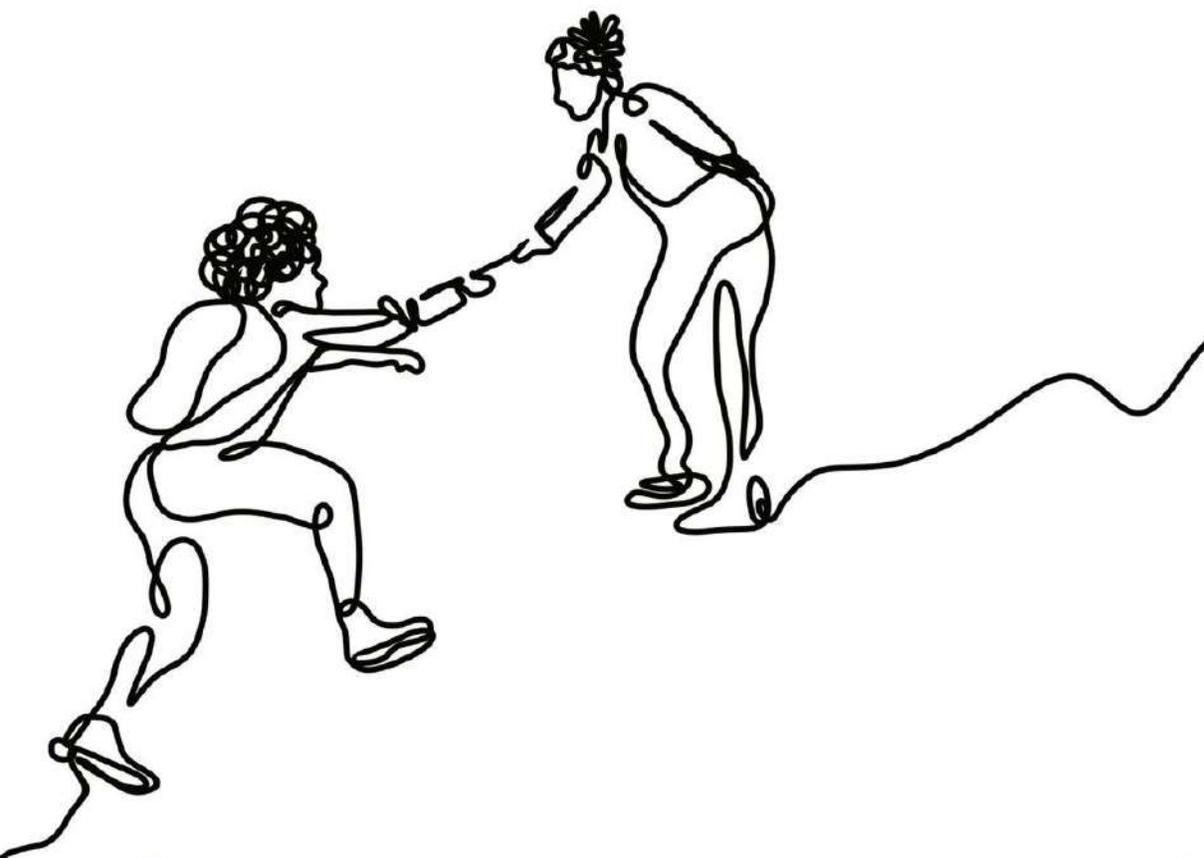
"O lúdico instiga a transformação de brincadeiras, em sonhos a serem realizados."



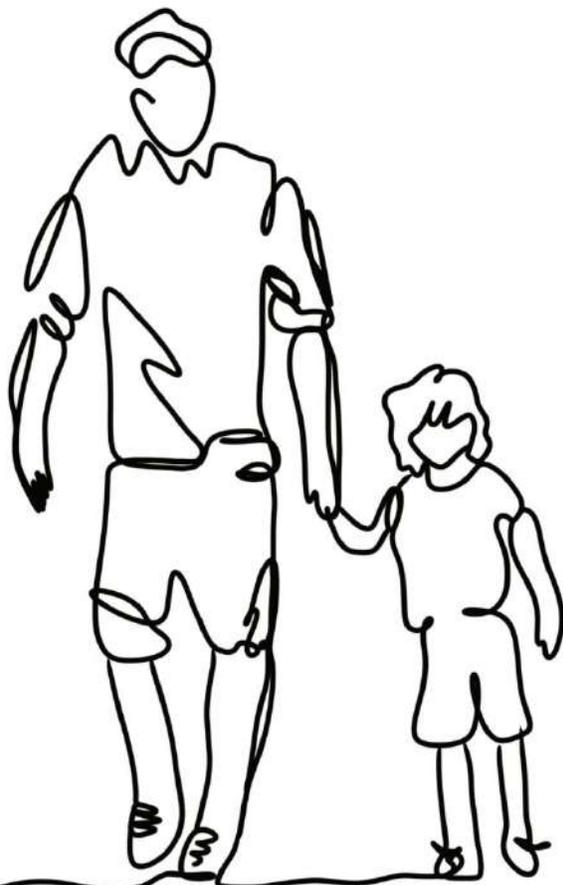
"[...] pensar em pessoas leves, tranquilas, alegres com sensação de pertencimento e respeitadas da forma que são e se expressam."



"A importância de fortalecer as relações no ambiente escolar. Ter um ambiente acolhedor e saudável, onde as diferenças sejam respeitadas, que tenha uma escuta ativa e que as interferências sejam feitas a fim de estreitarmos os laços afetivos, de confiança e empatia. O diálogo franco e aberto deve estar presente no dia a dia para que todos possam expressar seus sentimentos, medos, angústias e sentir-se amparados no grupo a qual pertence."



“[...] a segurança, a força, a escuta, a orientação e o incentivo do professor em relação à criança. Muitas vezes é o professor que acredita nas potencialidades da criança. Professor é a mão que segura, acolhe e é a referência para que a criança não desista.”



"[...] precisamos um do outro, que o caminhar nosso de cada dia não deve ser solitário. Este caminho juntos, estudando ser em todas as circunstâncias de vida: trabalho, vida familiar, em sociedade. O contexto escolar no meu olhar evidencia muito que precisamos uns dos outros, que está lado a lado com pessoas que nos faz mais seguros juntos somos mais fortes.

Este aspecto coloca o professor, aluno, e todos que estão no contexto escolar. A imagem aparentemente simples traz pra mim a sensação de segurança, apoio, colo, conquista, vida.

Tão importante no contexto escolar."

As narrativas relacionadas ao contexto escolar possibilitam um maior entendimento a respeito dos sentidos e sobre a realidade de profissionais e gestores da Educação de duas regiões brasileiras, em relação à problemática da saúde mental e dos fatores contextuais envolvidos. Ao atentarmos para as narrativas que sinalizam aspectos da compreensão, troca de ideias, autoconhecimento, ajuda mútua, acolhimento, escuta, respeito e reconhecimento às diferenças, diálogo franco, aberto e democrático – observamos que a escola passa a ser reconhecida não apenas como um espaço de ensino-aprendizagem, mas como um território de cuidado e promoção de saúde mental. Isso implica reconhecer que as vulnerabilidades emocionais de uma comunidade (estudantes, profissionais, famílias) fazem parte do cotidiano escolar e demandam uma abordagem ampliada.

Desse modo, estar distante ou perto do outro pode implicar diversas questões subjetivas, mas estar presente no espaço escolar é determinado pela objetividade de reconhecer a escola como aparelho que pode aproximar os sujeitos. No momento atual, compreender a importância do espaço escolar é fundamental para a realização do trabalho de aprender e ensinar junto com o outro (Larrosa, 2021).

Nesse contexto, resgatar a representação de escola pautada na troca de experiências entre os sujeitos em seu interior é algo que indica:

A educação é o modo como as pessoas, as instituições e as sociedades respondem à chegada daqueles que nascem. A educação é a forma com que o mundo recebe os que nascem. Responder é abrir-se à interpelação de uma chamada e aceitar uma responsabilidade. Receber é criar um lugar: abrir um espaço em que aquele que vem possa habitar; pôr-se à disposição daquele que vem, sem pretender reduzi-lo à lógica que impera em nossa casa (Larrosa, 2004, p. 188).

Sendo assim, o autor parte de uma perspectiva educativa centrada no encontro entre os sujeitos, em que o elemento primordial da experiência pedagógica é estar presente com o

outro. Na atualidade, a velocidade ampliada das mídias eletrônicas se opõe à forma *tempo-espaço-velocidade* da escola. Todavia, aquilo que se aponta como crítica à escola, na forma lenta de se relacionar com o acontecimento, é que deveria ser compreendido como o ponto mais rico em termos de elogio à escola. Seria a lentidão do processo de análise do acontecimento que se constitui o tempo para pensar (Larrosa, 2021).

Dentro disso, Rogério Rodrigues (2022), em resenha crítica do livro *Elogio a Escola*, de Jorge Larrosa, destaca que o tempo escolar conteria o sentido próprio para a palavra *skholé*⁴ - aquele que tem tempo livre para criar. Essa condição é um verdadeiro paradoxo numa sociedade que impõe o tempo do trabalho. A escola seria um lugar de resistência que destitui, por um lado, o lugar da experiência escolar pelo viés do fetiche da mercadoria no imediatismo, no elogio de coisas e equipamentos. Por outro lado, a forma lenta do trabalho escolar seria o lugar próprio para se constituir os processos formativos da consciência crítica.

Referências

AMSTALDEN, A. L. F. *et al.* A política de saúde mental infanto-juvenil: seus percursos e desafios. In RIBEIRO, E. L.; TANAKA, O. Y. (org.). *Atenção em Saúde Mental para crianças e adolescentes no SUS*. São Paulo: Hucitec. 2010.

BRASIL. *Lei n. 14.819, de 16 de janeiro de 2024*. Institui a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jan. 2024. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2024/lei-14819-16-janeiro-2024-795256-publicacaooriginal-170863-pl.html>.

⁴ Na Grécia antiga, *skholé* significava o momento em que se escapava da determinação do fazer. É sobre o não terminado, o não fazer a apropriação e a destinação do tempo e, como tal, um catalisador de começos. A escola nesse sentido coloca alguém na posição de começar (Simons; Masschelein, 2021, p. 54).

CID, M. F. B.; SQUASSONI, C. E.; GASPARINI, D. A. Saúde mental infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores. *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 30, p. 1–24, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0093>.

FERNANDES, A. D. S. A.; CID, M. F. B.; SPERANZA, M. A. intersectorialidade no campo da saúde mental infantojuvenil: proposta de atuação da terapia ocupacional no contexto escolar. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 27, n. 2, p. 454–461, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/k86SYLnVLPVgzBJZr7N8y3p/abstract/?lang=pt>.

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, J. (org.). *Elogio da escola*. Trad. Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MARTURANO, E. M., LINHARES, M. B. M., LOUREIRO, S. R. *Vulnerabilidade e proteção: indicadores na trajetória de desenvolvimento do escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Relatório mundial de saúde mental: transformando a saúde mental para todos*. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>.

RODRIGUES, R. O elogio da escola como lugar específico em que ocorre o ensinar e o aprender. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 103, n. 264, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.103i264.5121>.



CAPÍTULO 3

QUANDO A ESCOLA ENCONTRA A FAMÍLIA: ECOS, VÍNCULOS E REVERBERAÇÕES

Ana Beatriz Panzera
Letícia Lorenzoni Lasta
Suzane Beatriz Frantz Krug
Edna Linhares Garcia
Euna Nayara Cordeiro da Costa Fonseca
Jéssika Frantz
Isabella Delfim Alexandre

A infância é atravessada por diferentes instituições e espaços simbólicos que, juntos, colaboram para a formação do sujeito em sua complexidade. Entre esses espaços, a família e a escola ocupam lugar central na constituição das experiências sociais, afetivas e cognitivas da criança. Se, por um lado, é no seio familiar que a criança é introduzida à linguagem, aos vínculos afetivos e aos códigos culturais que regulam a convivência, por outro, é no ambiente escolar que ela tem a oportunidade de ampliar seus repertórios relacionais e acessar o conhecimento sistematizado.

A escola, nesse sentido, não substitui a família, tampouco compete com ela. Trata-se, antes, de uma coexistência complementar que, idealmente, deveria estar marcada por diálogo, confiança mútua e corresponsabilidade. Essa aproximação, no entanto, não ocorre sem tensões. As transformações sociais contemporâneas — sobretudo, a presença marcante dos meios de comunicação e das redes sociais na vida cotidiana das crianças — têm deslocado a centralidade da escola e da família como únicas ou principais fontes de referência simbólica. As redes digitais, ao oferecerem acesso irrestrito a conteúdos, valores e formas de sociabilidade, influenciam

significativamente o modo como crianças e adolescentes se percebem, se relacionam e aprendem (Oliveira, 2023).

Essa nova configuração sociotécnica impõe desafios importantes à relação entre escola e família. A fragmentação dos tempos de convivência, a sobreposição de discursos e a dificuldade de estabelecer limites claros nas interações infantis geram um cenário em que a autoridade das figuras parentais e educacionais, muitas vezes, se vê fragilizada. No entanto, isso não elimina a necessidade — e a potência — de articulação entre essas duas instituições. Pelo contrário, torna ainda mais urgente que a escola e a família se reconheçam mutuamente como parceiras no processo formativo, compreendendo que, diante de tantas vozes e estímulos, a criança precisa de espaços seguros, afetivos e coerentes para construir sua identidade.

Autores como Dessen e Polonia (2007) apontam que o envolvimento familiar na vida escolar dos filhos tem impactos significativos não apenas no desempenho escolar, mas também no desenvolvimento emocional e social dos estudantes. Acompanhar as tarefas, supervisionar o uso do tempo, estabelecer rotinas e dialogar sobre os desafios escolares são práticas que demonstram aos filhos o valor atribuído à educação e, ao mesmo tempo, fortalecem os vínculos familiares. Esse envolvimento, quando sustentado por vínculos afetivos saudáveis, contribui para o desenvolvimento de comportamentos mais ajustados e de maior autonomia por parte das crianças.

É importante destacar, porém, que nem todas as famílias dispõem dos mesmos recursos — sejam eles econômicos, culturais, sociais ou mesmo subjetivos — para participar da vida escolar com a mesma intensidade. As escolas, portanto, precisam reconhecer essas diferenças e buscar formas mais acolhedoras e inclusivas de relação com as famílias, evitando julgamentos apressados ou culpabilizações que apenas aprofundam as distâncias. Em vez disso, a escola deve atuar como mediadora, construindo canais de diálogo que respeitem as singularidades familiares e favoreçam o engajamento possível de cada uma.

A interação entre escola e família é também marcada por processos de negociação de papéis. Quando a criança ingressa no ambiente escolar, passa a experimentar formas de autonomia e de convivência que diferem daquelas vividas em casa. Isso exige dela novas competências sociais e cognitivas, mas também demanda das instituições um olhar sensível às transições e adaptações que esse novo contexto impõe. A escola se torna, então, um espaço onde a criança pode ensaiar outros modos de ser, experimentar relações variadas e, assim, ampliar sua compreensão de mundo (Dessen; Polonia, 2007).

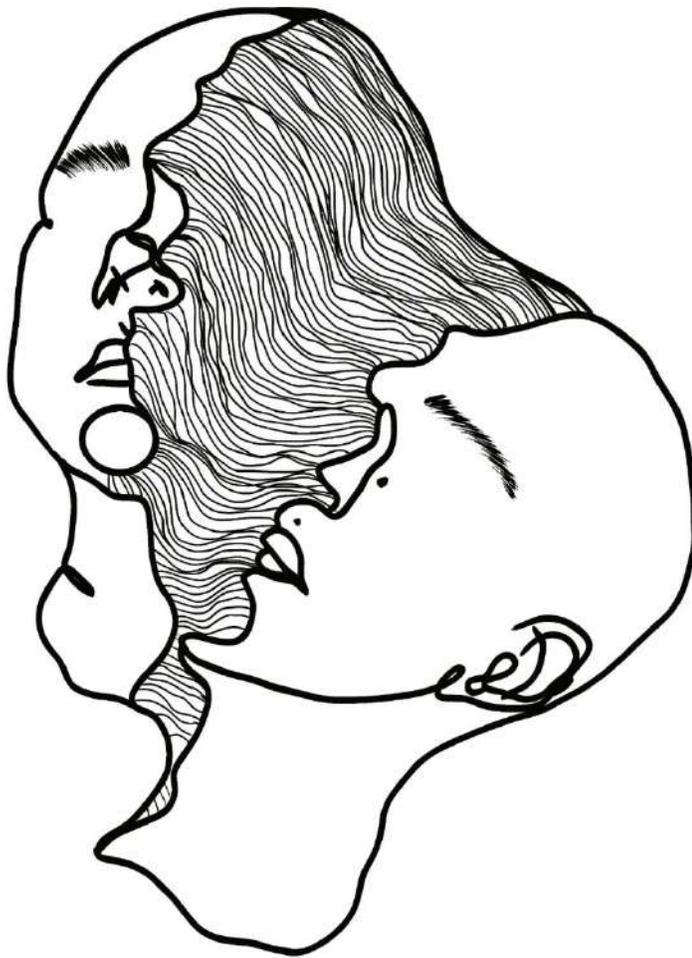
Maria Rita Kehl (2013), em sua análise da “família tentacular”, propõe outro olhar fundamental: ela ressalta que as famílias contemporâneas são heterogêneas, repletas de tensões, recomeços e afetos imponderáveis, mas que, se reconhecidas, constituem potenciais pedagógicos. A autora enfatiza ainda que a idealização da família nuclear tradicional — muitas vezes romantizada como única forma possível — representa uma barreira para a valorização das experiências reais, plurais e repletas de afetos diversos que as famílias atuais oferecem.

Nesse diálogo entre escola e família, a criança experimenta reverberações — ecos afetivos, cognitivos e morais — e aprende a transitar entre diferentes esferas de convivência. Ela aprende a argumentar, mediar conflitos e exercitar a autonomia em espaços que compartilham propósitos educativos. É nesse entrelaçamento que se funda uma educação comprometida com a formação integral do sujeito, capaz de articular subjetividade, ética e alteridade.

Quando a escola se encontra com a família — de modo autêntico, horizontal e comprometido —, nascem ecos que atravessam o sujeito em formação. São sons que permanecem, deixam marcas e, quando nutridos com cuidado, tornam-se alicerces para a construção de sujeitos mais conscientes, éticos e solidários. A educação, assim, transborda os limites da instituição escolar e se confirma como um processo social que envolve comunidade, cultura e o cuidado.

Nessa perspectiva, as reflexões apresentadas até aqui se fortalecem e ganham densidade quando olhamos para as falas daqueles que vivenciam, diariamente, os desafios e as potências do vínculo entre escola e família: os professores e gestores. Suas experiências trazem à tona a complexidade do processo educativo, revelando que a construção do conhecimento não se dá de forma isolada, mas sim por meio de relações que se entrelaçam com a história de vida dos estudantes. Ao observar o cotidiano escolar, os educadores identificam nuances que escapam às generalizações, e apontam caminhos possíveis para uma educação que reconhece os sujeitos em sua integralidade.

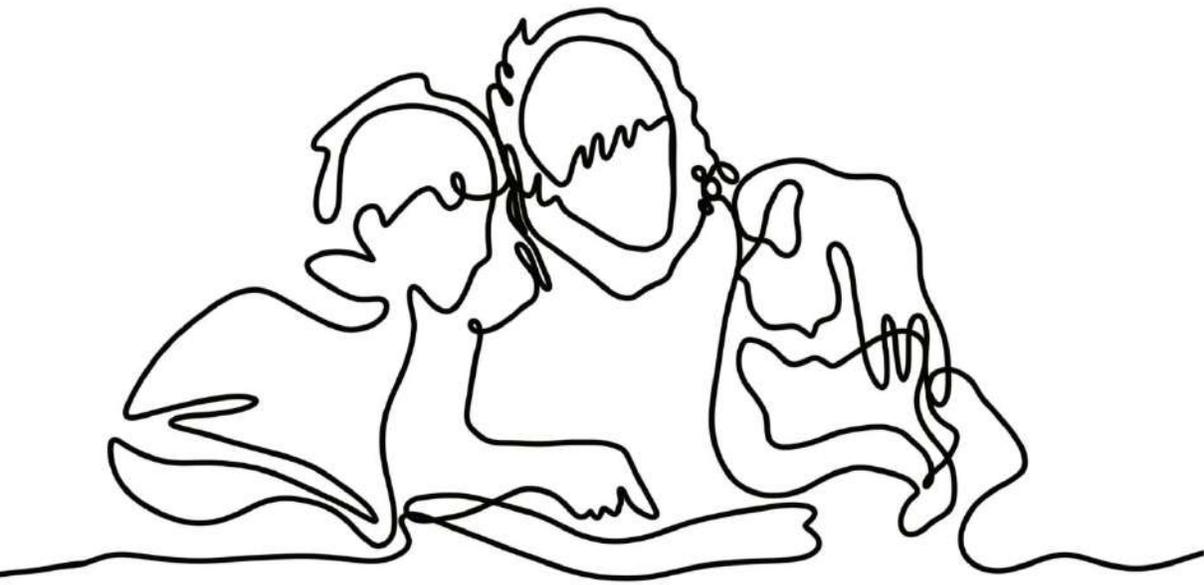
Nesse sentido, algumas falas de professores e gestores capturam com sensibilidade essa tessitura entre saber, afeto e cultura. Suas vozes ilustram como a herança familiar, os vínculos afetivos e a participação ativa da família se entrelaçam com os processos escolares, criando possibilidades de formação mais significativas. A seguir, apresentamos trechos de suas narrativas que ecoam e ampliam os temas discutidos neste capítulo.



"A nossa mente é aberta, porém trazemos conhecimentos que nos constituem desde a infância. A escola auxilia na construção de saberes, porém eles só se tornam significativos quando interagem com a trajetória cultural e familiar (influência do meio). Essa "herança" não deixará de estar presente e vai se inter-relacionando com novas experiências adquiridas ao longo da vida, formando um sujeito único capaz de protagonizar sua história."



“[...] uma criança com uma família acolhedora, que protege e acolhe; mas, também que pode ser uma criança com uma família superprotetora, que a sufoca e não lhe oferece autonomia, o que pode acabar prejudicando o seu desenvolvimento emocional.”



"
A participação dos pais na vida dos filhos é de extrema importância para contribuir e assegurar o crescimento saudável. Os pais precisam ser presentes na vida dos filhos, para que esses se tornem crianças confiantes, autonomia e auto-estima elevadas, acreditando sempre no seu potencial e parte integrante no contexto em que vive."

"Acalentar quem precisa, muitas vezes nossas crianças (estudantes) precisam desse conforto que não recebem em casa, e nós, mesmo sobrecarregados, temos que tirar um momento para proporcionar um aconchego para eles, mesmo não se sentindo bem."





"O crescer, assim será, levar nossas raízes onde nossas andanças nos levarã.
O crescer o peso de nossas vivências, alegrias tristezas, traumas, amores.
O crescer, não saberemos, onde nos levarã, será válido esse nosso pensamento,
onde formos levaremos nossas histórias."

Referências

DESSEN, M. A., POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 17, p. 21-32, 2007.

KEHL, M. R. Em defesa da família tentacular. *Fronteiras do Pensamento*, dez. 2013. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/maria-rita-kehl-em-defesa-da-familia-tentacular>.

OLIVEIRA, M. S. S. A família e a escola como contextos de formação de valores e desenvolvimento humano. *Revista Foco*, Curitiba, v. 16, p. 1-22, 2023.



CAPÍTULO 4

PALAVRAS QUE FICAM: NOTAS ABERTAS AO POR VIR

Letícia Lorenzoni Lasta
Suzane Beatriz Frantz Krug
Edna Linhares Garcia
Euna Nayara Cordeiro da Costa Fonseca
Ana Beatriz Panzera
Jéssika Frantz
Isabella Delfim Alexandre
Bruna Rubert da Cruz

Na intersecção temática entre Educação Básica e saúde mental há uma série de “verdades” que sustentam práticas definidas e datadas. Cabe considerar que diante disso, há a emergência de fenômenos tais como a patologização e a medicalização das infâncias e das adolescências no presente, e as mesmas têm impactado de maneira importante diferentes realidades escolares. Dados alarmantes em relação aos processos de adoecimento e de sofrimento no contexto escolar têm sido pauta de muitas reflexões na atualidade e foram mencionadas em capítulo anterior.

Neste livro, o foco não reside nos fenômenos citados e/ou nos indicadores relativos ao adoecimento e sofrimento psíquico de crianças e adolescentes. Ao longo da pesquisa desenvolvida, os mesmos foram emergentes no contexto das rodas de conversa e oficinas temáticas propostas como ações de intervenção junto às escolas pesquisadas. Portanto, sabemos desta realidade e, em momento algum, o fato de não abordarmos diretamente sobre isso, invisibiliza a existência dos mesmos, pelo contrário, entendemos o quanto tais fenômenos conduzem a práticas excludentes e estigmatizantes. Mas, a nossa aposta aqui foi no reconhecimento da potência da escola como contexto de promoção da saúde mental.

Especialmente neste livro, esperamos que a partir dos textos construídos e das imagens, possamos refletir sobre a “visão dissociada ainda existente hoje entre aprender o que se ensina e o comportar-se bem, conforme certas regras, em que aprender seria uma questão cognitiva, de inteligência, e comportar-se bem seria uma questão moral (agir certo) ou afetiva (gostar do que se faz), ser bem educado” (Macedo, 2014, p. IX). Pensar sobre as correlações entre a saúde mental, a aprendizagem, comportamento e as formas de se relacionar na escola é reconhecer a saúde mental como elo entre o aprender e o poder viver, conviver e existir na escola.

Sendo assim, convidamos leitores (as) a construírem as suas tessituras entre os desenhos e as narrativas apresentados neste capítulo, de modo, “que pensar seja criar” (Godinho, 2008, p. 1), mesmo que, às vezes, não seja certo que se consiga, mas que se busque desprender da imitação, da representação, fazendo com que algo se passe ou se jogue, deixando o pensamento brotar de outro lugar. Em seu sentido dicionarizado “*por vir*” refere-se ao que está por acontecer, sendo assim que este “*pensar-criar*”, nos permita experimentar e não perseguir a uma explicação, representação ou interpretação desenho-narrativa. Esperamos que o/a leitor(a) aceite o nosso convite!



"Adquirir novos horizontes, conhecimentos em uma viagem longa sem data de chegada. A leitura traz uma bagagem para navegar os mares da vida."

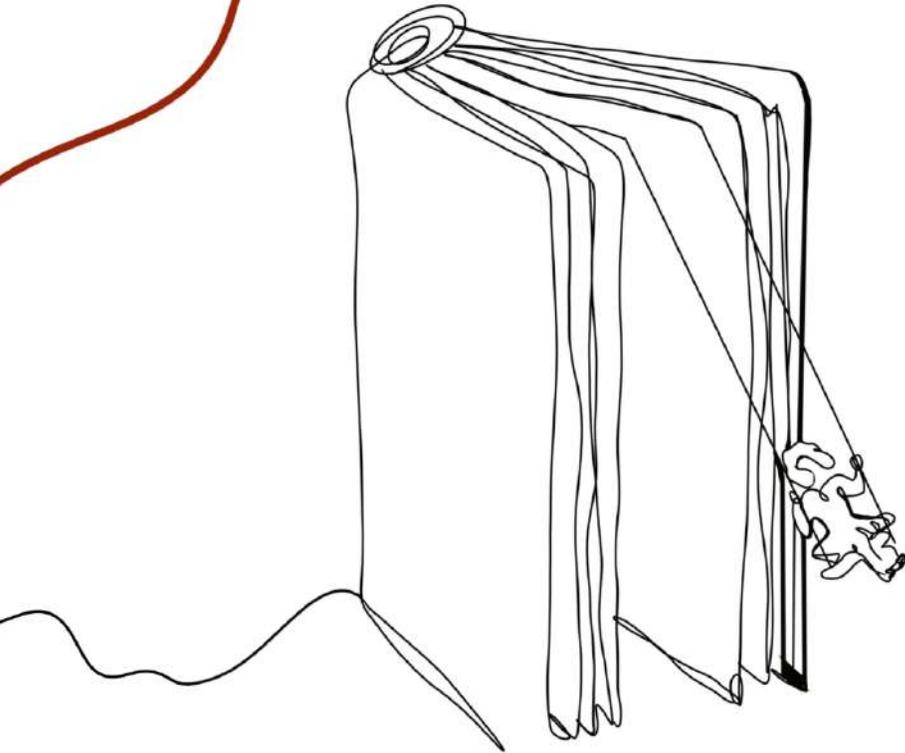
"As palavras que te impulsionam, nas páginas que te transportam, também te amparam, te acolhem em linhas que te consolam."



“Conhecimento propicia flutuar na liberdade de um mundo amplo.
Onde todos têm a possibilidade de ser e viver suas escolhas, com
toda “bagagem” sociocultural adquirido na sua trajetória.”



"Livros te transportam para dentro das histórias, como se fossemos personagens narrados nas mesmas. O reconhecimento dos limites não é mais algo concreto: ele se dissolve no andar da imaginação, no decorrer da leitura."



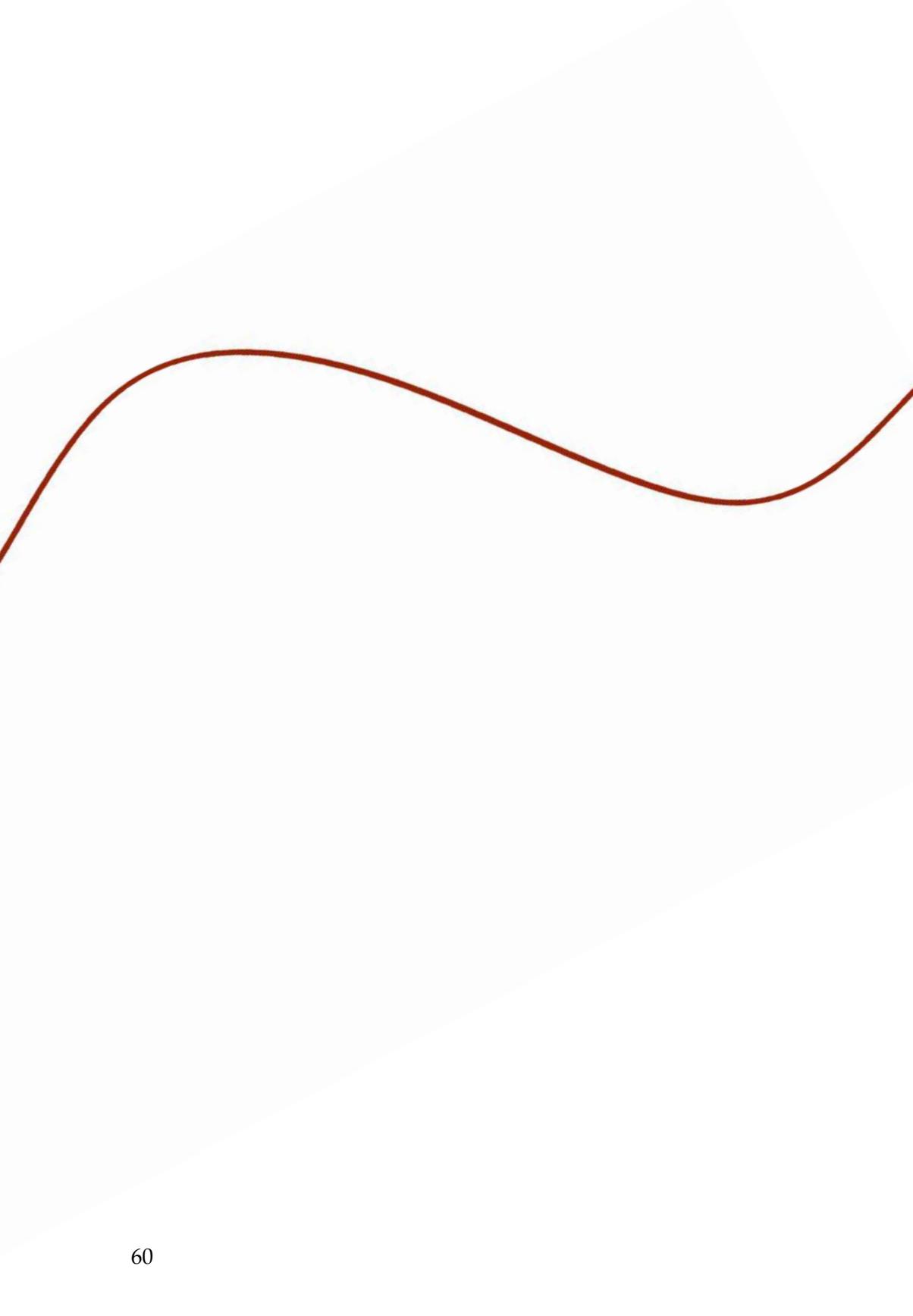
"Literatura na Educação Infantil possibilita a imaginação da criança. Ao escutar uma narrativa é possível se imaginar dentro da história. A experiência estética da literatura provoca sentimentos de leveza, de ludicidade, de imaginação, da potência criadora. Neste sentido, a experiência da literatura como situação na Escola Infantil é sempre única de cada criança, pois experiência é o que me acontece, me afeta. Para cada criança sempre será uma experiência diferente."

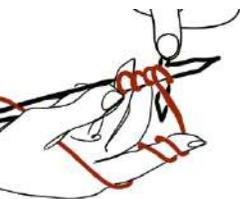
"O livro te remete a infância, as lembranças de tempos vividos compartilhados quando criança. O conhecimento adquirido na leitura é ímpar."

Referências

MACEDO, L. Apresentação. *In: Saúde Mental na Escola: O Que os Educadores Devem Saber*. 1º ed. Porto Alegre: Artmed, 2014, p. IX-X.

GODINHO, A. Eterno retorno e jogo ideal: o roubo ideal. *In: LINS, D.; GIL, J. (org.). Nietzsche/Deleuze jogo e música*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 1-18.





TECELÃS DESTA OBRA COLETIVA

Letícia Lorenzoni Lasta

Psicóloga, Mestre em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Adjunta do Departamento das Ciências da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Coordenadora do projeto “Cuidados com a saúde mental infantil em escolas da rede municipal”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) - Edital 14/2022 – ARD/ARC. Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul (GEPS/UNISC).

E-mail: leticialasta@unisc.br

Suzane Beatriz Frantz Krug

Enfermeira, Mestre em Desenvolvimento Regional (UNISC) e Doutora em Serviço Social (PUC/RS). Docente adjunta do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), de cursos de graduação da saúde e do Corpo Permanente do Mestrado e Doutorado em Promoção da Saúde, consultora ad Hoc do Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Educacionais (INEP/MEC), líder do Grupo Interdisciplinar Ampliado de Trabalho e Estudos em Saúde (GIATES), líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde (GEPS), desenvolvendo pesquisas com apoio do CNPQ, FAPERGS, CAPES e Ministério da Saúde/OPAS. É revisora de diversos periódicos científicos. Integrante do projeto “Cuidados com a saúde mental infantil em escolas da rede municipal”.

E-mail: skrug@unisc.br

Euna Nayara Cordeiro da Costa Fonseca

Pedagoga pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Psicóloga pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí (FAESPI), Mestre em Psicologia pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Mestrado e Doutorado em Promoção da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Professora Concursada da Prefeitura municipal de Teresina-PI, exercendo função de Professora Formadora de Professores da Educação Básica da Educação Especial, Professora do Programa de Formação de Professores da Educação Básica-PARFOR EQUIDADE, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Psicóloga Clínica Infantojuvenil (CRP 021 04087). Participante da diretoria da ABRAPEE, seção Piauí. Colaboradora do Grupo de Pesquisa em Saúde GEPS, integrante no projeto “Cuidados com a saúde mental infantil em escolas da rede municipal”.
E-mail: nayaraeuna@gmail.com

Edna Linhares Garcia

Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP), Mestre em Psicologia Clínica (PUCCAMP), Especialista em Psicoterapia Psicanalítica (UNICAMP) e em Fundamentos Epistemológicos da Psicologia e da Psicanálise (UNICAMP). Professora, Supervisora e Pesquisadora do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Integra o corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde (UNISC). Realiza pesquisas e intervenções na perspectiva da Psicanálise em interface com o campo da Saúde Coletiva, Políticas Públicas, com ênfases em Processos de Produção de Saúde, Sofrimento e Adoecimento, Educação em Saúde, Adolescências, Drogas e Adições em contextos de vulnerabilidades sociais. Integra os Grupos de Pesquisas: Processos Clínicos, Modos de Subjetivação e Políticas Públicas e o Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde (GEPS) da Unisc. É revisora de diversos periódicos científicos. Integrante do projeto “Cuidados com a saúde mental infantil em escolas da rede municipal”. E-mail: edna@unisc.br

Isabella Delfim Alexandre

Artista visual e estudante de Psicologia na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Desenvolve trabalhos autorais que exploram as intersecções entre arte e escrita como formas de cuidado e expressão.

Ana Beatriz Panzera

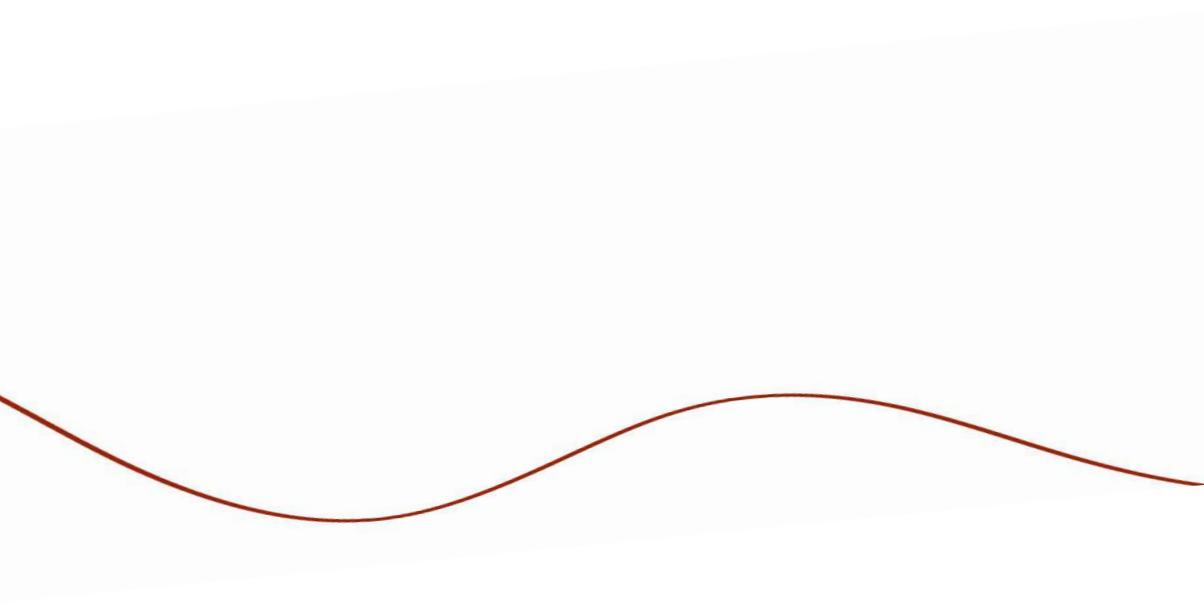
Graduanda em Psicologia pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) no projeto “Cuidados com a saúde mental infantil em escolas da rede municipal”. Período da bolsa: outubro de 2024 a agosto de 2025.

Jéssika Frantz

Enfermeira graduada pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Especialista em gestão e auditoria em serviços de saúde. Colaboradora do Grupo de Pesquisa em Saúde GEPS, integrante no projeto “Cuidados com a saúde mental infantil em escolas da rede municipal”.

Bruna Rubert da Cruz

Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Bolsista Programa Unisc de Iniciação Científica (PUIC) no projeto “Cuidados com a saúde mental infantil em escolas da rede municipal”. Período da bolsa: março de 2025 a dezembro de 2025.



educar é bordar
voo no corpo
da infância.

Há algo na forma como as crianças habitam a escola que diz muito sobre como estão por dentro, é ali que a infância acontece em coletivo. Este trabalho parte dessa premissa, e constrói, com profundidade e cuidado, um percurso comprometido com a educação e saúde mental infantil. Tive o privilégio de ilustrar como parte desse gesto, adornos que não distraem, mas acompanham. Nada aqui foi feito à parte. Tudo é costura.

Isabella Delfim Alexandre



Cuidados com a saúde mental
infantil em escolas da
rede municipal



Mestrado Profissional
em Psicologia



geps



UNISC
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



ISBN 978-65-265-2155-7

